

## NISE DA SILVEIRA E O MUNDO DAS IMAGENS

Lídia Reis de Almeida PRADO<sup>1</sup>

*“O que melhora, no atendimento, é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito”. Nise da Silveira*

*“Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas muito ajuizadas.” Nise da Silveira*

**RESUMO:** Nise da Silveira (1905/1999), brasileira de Alagoas, é um nome de vanguarda na psiquiatria mundial. Trabalhando com esquizofrênicos em um hospital do Rio de Janeiro mostrou-se contrária à psiquiatria da época (camisas de força, choques, lobotomias). Usando, com originalidade, a terapia ocupacional, deu aos pacientes a oportunidade de expressarem as emoções por meio de várias formas de manifestação artística. Fundou o Museu das Imagens do Inconsciente e promoveu, em vários países, como França e Suíça, exposições com os trabalhos dos esquizofrênicos. Também de modo precursor, fez uso de animais como auxiliares dos processos terapêuticos. Escreveu sobre Psicologia e Filosofia e obteve o reconhecimento de seus contemporâneos e de pósteros.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Psiquiatria heterodoxa, terapia ocupacional, arte-terapia, Museu do Inconsciente, Psicologia Analítica.

**ABSTRACT:** Nise da Silveira (1905/1999), born in Alagoas, Brazil, is a name in the forefront of world psychiatry. Working with schizophrenics at a hospital in Rio de Janeiro shows her opposition to psychiatry of the time (straitjackets, shock, lobotomies). Using with originality, occupational therapy, giving to the patients the opportunity to express emotions through various forms of artistic expression. Nise founded the Museum of Images of the Unconscious and promoted in several countries, such as France and Switzerland, exhibits the work of schizophrenics. She made use of animals as auxiliary therapeutic processes. Wrote on Psychology and Philosophy and earned the recognition of his contemporaries and posterity.

**KEYWORDS:** Heterodox psychiatric, occupational therapy, art therapy, Museum of the Unconscious, Analytical Psychology.

---

<sup>1</sup> Lídia Reis de Almeida PRADO, Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Professora Doutora da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Advogada e psicóloga clínica. Autora do livro “O juiz e a emoção-Aspectos da Lógica da Decisão Judicial. São Paulo: LTr, 2014. [lidiar@terra.com.br](mailto:lidiar@terra.com.br)



<sup>2</sup> Dra. Nise da Silveira

Em 15 de fevereiro de 1905, na capital do estado de Alagoas, Maceió, nasce Nise da Silveira, filha única, mimadíssima<sup>3</sup>, de mãe musicista. Do pai, professor de Geometria e amante de literatura, herda o gosto pelos livros. Desde criança, valoriza o contato com a natureza e com os animais, em especial os gatos, cuja amizade cultivou por toda a vida.

Rachel de Queiroz, renomada escritora brasileira, a descreve como uma “pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a pedir desculpas por ocupar espaço” (Ramos, 1953). Paradoxal, Nise será também um furacão de tenacidade e rebeldia. A começar pela escolha da profissão: a mãe a queria musicista. No entanto, cursa a Faculdade de Medicina da Bahia (1921-1926), sendo a única mulher a se formar numa turma de mais de cem homens e uma das primeiras a ingressar nessa profissão no país.

Durante uma aula de anatomia, ao ver o professor abrir o corpo de uma rã e expor o pequeno coração, sente-se mal. Talvez alguns dos colegas tenham tido a mesma reação. Porém só ela abandona a sala de aula, nauseada.

Esse acontecimento define a autenticidade dessa mulher, que, mais tarde iria, não só revolucionar o tratamento da esquizofrenia no Brasil, mas também colocar em xeque, no domínio da arte, alguns esquemas normativos estéticos em vigor.

Em 1927, já casada com o sanitarista Mario Magalhães, estudioso das relações entre desigualdade social e doença no Brasil, muda-se para o Rio de Janeiro, onde se introduz

---

<sup>2</sup> A foto de Nise da Silveira foi copiada do site: <http://casadaspalmeiras.blogspot.com.br/2012/10/frases-de-nise-da-silveira.html>

<sup>3</sup> Esse adjetivo foi empregado pela própria Nise, e consta de uma entrevista na Revista Psicologia Ciência e Profissão, Brasília, Vol 4 n. 1-3, 1994.

no ambiente artístico e nos círculos intelectuais, alguns com tendências socialistas. À época, escreve artigos sobre Medicina para um jornal local.

Com 27 anos, em 1933, é aprovada em um concurso público e começa a trabalhar como psiquiatra, no *Hospital da Praia Vermelha*.

Durante o governo de Getúlio Vargas, após uma tentativa de golpe comunista, é presa em 1936, sob a acusação de possuir livros marxistas, permanecendo encarcerada durante um ano e meio. Divide a cela com Olga Benário, judia entregue à Gestapo pelo governo brasileiro. Devido ao fato de ter sido presa na mesma época em que Graciliano Ramos também cumpriu pena, é personagem de um livro desse autor, *Memórias do Cárcere* e posteriormente de um filme homônimo.

Durante sete anos, até 1944, permanece afastada do serviço público por razões políticas. Na clandestinidade, volta ao nordeste do Brasil, sob um nome falso. Durante esse período estuda com paixão as obras de Spinoza, registrando dados, reflexões e questionamentos para um livro publicado décadas depois (*Cartas a Spinoza*).

De volta ao Rio de Janeiro, consegue ser reintegrada no serviço público, passando a trabalhar no *Hospital Psiquiátrico D. Pedro II*, no Engenho de Dentro, localizado na periferia da cidade. Nise pensa ser incapaz de exercer a medicina psiquiátrica, pois, coloca-se contra as camisas de força, os choques elétricos, cardiazólicos e insulínicos, as psicocirurgias, e outros métodos utilizados na época. Lembavam-lhe as torturas que a ditadura aplicava aos adversários políticos e que lhe eram bem familiares.

A esse respeito, relata:

“Durante esses anos todos em que passei afastada, entraram em voga, na psiquiatria, uma série de medicamentos e tratamentos novos que antes não eram usados. Aquele miserável português, Egas Moniz, que ganhou o prêmio Nobel, tinha inventado a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina, e o de cardiazol. Fui trabalhar numa enfermaria com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então, ele me revelou: a senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento...

Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: aperte o botão. E eu respondi: não aperto” (Gullar, 1996).

Em razão desse comportamento rebelde, Nise fica encarregada de implantar e desenvolver suas atividades no setor de terapia ocupacional, até então desqualificado pelos psiquiatras e entregue aos enfermeiros. Esse setor recebeu o nome solene de Seção

de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR). De 1946 a 1974, quando se aposenta compulsoriamente, Nise dirige o STOR que, por sugestão de um paciente, passara a ter o nome estranho, informal e carinhoso de Setor de 'Emoções de Lidar'.

Até então, a terapia ocupacional resumia-se em trabalhos de limpeza e manutenção das instalações do hospital: lavar banheiros, varrer quartos e arrumar camas. Não havia, no exercício de tais atividades, nenhum envolvimento emocional por parte dos pacientes sendo, segundo Nise, mais opressivas do que libertadoras por reproduzirem, em sua estereotípia, a condição psíquica dos doentes.

Nise encara essa nova oportunidade como um desafio, uma forma alternativa aos métodos vigentes. Cria oficinas de jardinagem, bordado, dança, teatro e os ateliês de modelagem, desenho e pintura. Dá aos pacientes a oportunidade de expressarem os afetos por intermédio da arte.

Seu trabalho começa a gerar resultados. Nise ganha confiança e passa a levar os internos para passeios na praia e na Floresta da Tijuca.

Saídos dos ateliês do STOR, alguns doentes e estagiários ganharam notoriedade como representantes criativos da arte brasileira. Por exemplo, Almir Mavignier, estagiário e auxiliar de Nise, mais tarde viria a se tornar um dos primeiros pintores abstratos do Brasil. Depois, principalmente após sua mudança para a Alemanha, tornou-se artista de reconhecimento mundial. Em 1950, teve importante papel na organização da *Exposição de Arte Psicopatológica* no I Congresso Internacional de Psiquiatria em Paris. Em 1957, colaborou com a estruturação da exposição *A Esquizofrenia em Imagens*, por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique. Em ambos os eventos foram apresentados trabalhos dos pacientes de Nise. Ao final desse congresso, parte dessa exposição seguiu para a França, sendo apresentada no Hôtel de Ville de Paris, Salle Saint-Jean.

A razão desses ótimos resultados pode ser atribuída à forma pela qual Nise encara a doença mental, que diverge da adotada pelos psiquiatras da época. Para estes, em sua maioria, a esquizofrenia provocava um embotamento psíquico irreversível e consistia num processo gradativo de degenerescência orgânica, que só poderia ser tratado com a ação direta no cérebro. Nise, porém, pensa que o trabalho criativo e a expressão artística por intermédio das imagens, poderiam prestar uma valiosa contribuição para uma nova organização do mundo interno dos pacientes, transtornado pela doença.

De qualquer modo, é importante ressaltar a devoção que ela confere às imagens. Pensa ser grande a dificuldade que tem o pensamento lógico em interagir com a insanidade mental. Para ela, as palavras – e, portanto a Psicanálise – são mais adequadas ao tratamento das neuroses, enquanto as imagens, mais úteis aos doentes graves.

A esse respeito escreve:

“Esforcei-me para estudar a linguagem do imaginário, seus arcaísmos, seus símbolos condensadores de intensos afetos não raro contraditórios. Isso me parecia menos difícil que transpor tais formas de expressão para nosso falar cotidiano.

Cada vez mais, fui me convencendo que as imagens permitiriam que entrássemos em contato com as ocultas vivências sofridas por aqueles seres, que se haviam afastado da nossa realidade. Começaríamos, possivelmente, a comunicarmo-nos.

Mas a ciência entrincheirada na ordem racional não aceita esses caminhos. Médicos e psicólogos passavam diante das imagens livres, nascidas do imaginário de homens e mulheres hospitalizados, sem lançar-lhes um golpe de vista, sequer por curiosidade... mas, nunca lhes despertava interesse pesquisar, num conjunto de imagens, um fio subjacente, indo e vindo através de percursos labirínticos” (Silveira, 1995).

Em pouco tempo, o atelier de pintura da psiquiatra rebelde alcança fama. Em 1949, há uma mostra no *Museu de Arte Moderna de São Paulo-MAM*, com obras de nove pacientes do Engenho de Dentro, selecionadas pelo crítico francês Degand. No mesmo ano, tem lugar outra exposição na Câmara do Município do Rio de Janeiro.

Com o objetivo de proteger esse acervo artístico com milhares de obras, cuja venda proíbe, Nise, em 1952, funda o *Museu de Imagens do Inconsciente*, que se tornou referência mundial. Para garantir essa proteção, em 1974, cria uma Sociedade dos Amigos da instituição. Tombado em 2003, o acervo do Museu é o único, no mundo, que reúne arte e pesquisa a respeito da esquizofrenia.

Em 1956, concretiza outro projeto inovador: cria a clínica *Casa das Palmeiras*, com o objetivo de recuperação de antigos internos de estabelecimentos psiquiátricos, que se encontravam num estágio intermediário de tratamento, entre o hospital e a reinserção na sociedade. Nesse local, em regime aberto, podiam expressar sua criatividade e contavam, no início das atividades da clínica, com a presença de uma artista plástica, uma assistente social e uma educadora.

A *Casa das Palmeiras*, não seguia os ditames convencionais de reabilitação. Tratava-se de um espaço, hoje ainda atuante, em que eram incentivadas atividades criativas e onde os clientes desenvolviam trabalhos expressivos que lhes possibilitavam reiniciar o contato com a vida. Os trabalhos, após assinados, datados e arquivados, eram analisados em série. Para Nise, como nos sonhos, esse tipo de análise em série “revela a repetição de motivos e a existência de uma continuidade no fluxo das imagens do inconsciente” (Silveira, 1981).

Os métodos utilizados na *Casa das Palmeiras* tornaram-se pioneiros na América do Sul e são tidos como inovadores na história da moderna psiquiatria.

A Casa das Palmeiras passou a abrigar também grupos de estudo sobre Psicologia Junguiana, Filosofia, Literatura.

É bom lembrar que as reflexões iniciais de Nise quanto às diretrizes a serem seguidas na sua trajetória terapêutica, decorreram inicialmente de uma mera intuição, mas ganharam um referencial teórico depois do encontro da alagoana rebelde com Carl Gustav Jung, como mostrarei mais adiante.



Embora grande estudiosa de Freud, a inclinação de Nise pela Psicologia Junguiana tem início quando, ao observar os trabalhos dos psicóticos na terapia ocupacional, nota que eles contêm, não só formas fragmentadas (como era de se esperar em razão da cisão esquizofrênica), mas um considerável número de figuras circulares ou *mandalas*<sup>4</sup>. Nise nota, também, sempre recorrentes temas mitológicos, folclóricos e religiosos.

Sabedora de que as obras de Jung mencionavam tais figuras, bem como traziam uma possibilidade de interpretá-las, trava contato com esse teórico por intermédio de cartas, onde discute as mandalas dos seus doentes. Jung ficou interessadíssimo pelos relatos de Nise e sugeriu que ela estudasse Mitologia e Religiões Comparadas, com a finalidade de encontrar a origem arquetípica dos trabalhos dos pacientes.

O encontro entre ambos ocorreu em 1957, no *II Congresso Internacional de Psiquiatria*, em Zurique, já citado. Nesse congresso, Jung inaugurou a mostra *Esquizofrenia em Imagens*, também mencionada antes, com trabalhos do *Museu das Imagens do Inconsciente*. Nise está presente, com a viagem custeada por uma bolsa do CNPq.<sup>5</sup>

Os trabalhos dos pacientes de Nise expostos na mostra revelam, de um lado, vivências de isolamento, de desestruturação do espaço, de alterações temporais, e, por outro lado, de constelação de forças autocurativas da psique (Mello, 2001).

Essa exposição teve uma grande repercussão e significou um aval internacional ao trabalho de Nise, que se considera apta para fazer sua formação em Psicologia Analítica em Zurich, a convite de Jung e com supervisão de sua assistente, Marie Louise von Franz.

<sup>4</sup> Mandala desenhada por Adelina Gomes, paciente da Dra. Nise da Silveira.

<sup>5</sup>O CNPq, Conselho Nacional de Pesquisas Tecnológicas, concede bolsas para a formação na pesquisa científica em institutos oficiais, tanto no Brasil como no exterior.

Para Jung, o inconsciente coletivo fala a linguagem dos mitos, que trazem a vivência ancestral da nossa espécie, simbolizada por meio de figuras. Entendia que as mandalas dos pacientes de Nise poderiam consistir numa tentativa compensatória inconsciente, com o objetivo de obter o enfrentamento do caos da vida psíquica, uma ação criativa para recompor a cisão fragmentação do ego. Além disso, via na predisposição dos psicóticos para pintarem imagens idênticas um possível esforço de restauração de um ego esfacelado, por intermédio do uso de um material arcaico representativo de eventos já vivenciados pela humanidade e resumidos em motivos mitológicos (arquétipos).

Assim, discordando dos teóricos de seu tempo, Jung atribuiu importância à capacidade humana de representar imagens interiores. Afastou o caráter patológico 'em si' dessa atividade, que se origina nas bases da psique de todos os indivíduos. Para ele, essas imagens apreenderiam os elementos psíquicos inacessíveis ao pensamento racional, sendo muito importantes para a organização do psiquismo.

Vou agora, falar a respeito do arcabouço teórico que Nise construiu ao longo da vida. Além da Psicologia, prezava muito a Literatura e a Filosofia. Estudou com afinco as obras de autores de diversos ramos do saber, como Spinoza, Merleau Ponty, Bachelard, Kafka, Proust, Artaud, Baudelaire, Dostoiévski e Machado de Assis<sup>6</sup>. A eles se dirige através de diálogos e não como uma discípula, como ocorreu, por exemplo, em seu livro *Cartas a Spinoza*.

Na Psicologia, é verdade que conhecia profundamente a obra de Freud, a quem muito admirava. Também é verdade que se dedicou por quase quarenta anos aos estudos junguianos, por considerá-los mais adequados ao seu trabalho com os esquizofrênicos. Além disso, enaltecia o psicólogo de Zurich por duas outras razões: a primeira, por ele ter produzido uma "obra assistemática e sem pretensões a dogmatismos ou a fidelidades teóricas". A segunda, devido ao fato de que "sua psicologia em vez de reduzir, de desmembrar os fenômenos psíquicos em elementos, desenvolve-se no sentido de apreendê-los na sua complexidade total, sem mecanicismos" (Silveira, 1969).

É verdade que Nise escreveu vários livros tidos, no Brasil, como um dos melhores em Psicologia Analítica, em especial *Jung Vida e Obra*, quase um *best-seller* nacional. Mas, apesar disso, não se pode classificá-la como junguiana, pois, ao enclausurá-la sob esse rótulo, estaremos esquecendo parte do seu pensamento livre e libertário. Tanto assim é que em seu grupo de estudos na Casa das Palmeiras eram comuns discussões sobre outros autores da Psicologia do Inconsciente, além de Freud e Jung, ao lado de filósofos, literatos e artistas. Era conferida ênfase especial a Machado de Assis, por Nise considerado o maior psicólogo do planeta.

Em síntese, a nossa psiquiatra rebelde é uma autora não dogmática, criteriosa, que foi construindo as suas reflexões e desempenhando o seu trabalho, ao longo de várias décadas de estudos, atendimentos e pesquisas. Nunca foi modesta, mas uma intelectual dedicada durante toda a vida, aos livros, aos doentes-artistas e aos animais. Sempre

---

<sup>6</sup>Machado de Assis é considerado o maior escritor do Brasil, sendo um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

vislumbrou a importância da sua atuação profissional e nunca fez concessões por razões de notoriedade ou poder econômico.

Vale a pena acrescentar que quando iniciou, no Instituto de Zurich, os estudos em Psicologia Junguiana, tinha 53 anos de idade, 30 de formada, com mais de uma década de experiência em terapia ocupacional no *Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro*. Gostava de avaliar a própria trajetória, prática e teórica, como um organismo vivo, sempre em contínua transformação. Identificava as teorias psicológicas, inclusive, a junguiana, como meros instrumentos de trabalho, simples ferramentas, hipóteses válidas em determinadas situações. Para ela, as abstrações teóricas não conseguem dar conta da elucidação do objeto, mas apenas consistem numa tentativa em se firmarem a partir do diálogo entre o *eu* e o *mundo*. Além disso, relacionam-se, também, com o subjetivismo de quem usa tais abstrações (Mello, 2001).

Resume o que acabei de dizer sobre o espírito eclético e autônomo da nossa psiquiatra rebelde, os seguintes dizeres de Luchesi:

“Nise não merece nenhuma etiqueta junguiana (ou outras como atraudiana, machadiana<sup>7</sup>), ou qualquer forma que não ajude a percebermos a marca diferencial do seu trabalho. Se acompanharmos essa sua liberdade de espírito, poderemos descobrir inúmeras facetas de sua obra, inúmeras verdades do seu método” (Luchesi, 2001).

Segundo Antoin Quinet, Nise da Silveira não tem hostilidade por nenhuma abordagem psicológica. Quinet relata que, em visita ao Museu do Inconsciente, analisou os trabalhos pelo viés psicanalítico de Jacques Lacan. Embora chegando a conclusões diversas daquelas obtidas sob o prisma junguiano, elogiou a atitude não dogmática de Nise ao afirmar que as análises por ela feitas “não impedem interpretações com base em outras abordagens, já que o museu é aberto a todos” (Quinet, 2003).

Outro aspecto das concepções de Nise da Silveira é o referente ao afeto entre os seres humanos, por ela considerado como catalisador de uma forte carga terapêutica. Foi em prol da substituição da psiquiatria convencional e de suas características agressivas que opta por uma forma de trabalho garantidora do vínculo afetivo com os internos. Escolhe um método por meio do qual o doente tende não só a sair da sua condição de objeto, mas também a se tornar um sujeito digno de respeito e com capacidade para criar um universo interno protegido, no qual os conflitos psicológicos podem ser amenizados.

---

<sup>7</sup>Os adjetivos entre parênteses referem-se a Antonin Artaud e a Machado de Assis



Outra importante inovação acontece quando ela percebe a influência positiva dos animais no convívio com os esquizofrênicos e passa a entregar cães para que seus “clientes” (assim chamava os doentes) cuidassem deles. Pouco a pouco, os animais vão adquirindo a condição de co-terapeutas. O tratamento começa a dar um ótimo efeito, transformando os psicóticos em indivíduos mais afetuosos, tranquilos e cooperativos.

Mas a reação dos colegas convencionais logo se fez notar.

Sobre esse assunto é instigante o relato feito pelo escritor e jornalista Ferreira Gullar. Conta que, no final dos anos 50, quando trabalhava no *Jornal do Brasil*, recebeu um telefonema de Nise. Ela pedia apoio porque estava sendo hostilizada por outros médicos do hospital psiquiátrico, que consideraram o uso dos cachorros nos tratamentos uma ofensa à Psiquiatria e à sua condição de doutores. Logo em seguida, alguns dos cães apareceram mortos por envenenamento. A publicação da notícia serviu para que parassem de matar os animais (Gullar, 1996).

As inovações de Nise sempre foram polêmicas e impactantes dentro e fora do hospital. De um lado, os médicos defensores da psiquiatria viam nelas uma ameaça e uma afronta à ciência tradicional. De outro, contavam com a adesão de intelectuais e artistas, principalmente destes que passaram a frequentar o hospital, ajudando Nise a desenvolver seus métodos de trabalho.

Além disso, o surgimento, nos ateliês de terapia ocupacional, de artistas muito talentosos, logo reconhecidos por uma parte da crítica, nunca foi um tema pacífico. É que alguns críticos negavam-se a aceitar o fato de que psicóticos fossem capazes de produzir obras de arte. Afirmavam que eram criações sinistras, destituídas de qualidade artística (Gullar, 1996).

Essa visão preconceituosa foi sendo parcialmente arrefecida com o passar dos anos. Porém, ainda em nossos dias, ao se tratar de arte brasileira, esses artistas do Museu são um tanto desqualificados, a não ser se considerados como pertencentes a uma categoria à parte. Como se um Van Gogh ou uma Camille Claudel fossem menos geniais por terem tido algum distúrbio psíquico!

Deve-se ponderar, que não era o objetivo de Nise da Silveira, ao realizar o trabalho terapêutico, produzir artistas. Para ela, a linguagem não verbal das artes plásticas permitia aos doentes a expressão de experiências conflitivas e, como decorrência, a reorganização do seu universo subjetivo.

## CONCLUSÃO

Para finalizar, penso ser interessante salientar que Nise escreveu muitos artigos, vários livros, concedeu inúmeras entrevistas e participou de diversas palestras. Destaco os seguintes livros: *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil* (Tese de doutoramento, Faculdade de Medicina da Bahia, Imprensa Oficial do Estado, Salvador, 1926; *Jung: Vida e Obra*, atualmente na 21ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, com

inúmeras tiragens; *Terapêutica Ocupacional: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras, 1979; *Casa das Palmeiras. A emoção de lidar: uma experiência em psiquiatria*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986; *Imagens do Inconsciente*, Rio de Janeiro: MEC, 1980; *O mundo das imagens*. São Paulo: Ed. Ática, 1992; *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. *Gatos, Emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

Detentora de numerosos títulos, Nise teve amplo reconhecimento. Pertenceu a várias entidades nacionais e estrangeiras, como, por exemplo, a *Société Internationale de Psychopathologie de l' Expression*, sediada em Paris.

Sobre ela e seus pacientes, há no Brasil duas peças de teatro, vários livros, muitos artigos, dentre os quais este, escrito em linguagem coloquial, para ficar compatível com o estilo de Nise, que era simples e claro. Existem ainda, três filmes documentários e, em 2013, foi concluído um longa metragem. No centenário de seu nascimento foi lançado um selo comemorativo. As instituições por ela fundadas, embora com dificuldades, subsistem.

Além dessa notoriedade no exterior recebeu, no Brasil, homenagens de toda ordem, inclusive desfilou em um carnaval ('coisas destes trópicos'), na Escola de Samba do Salgueiro e, o que é melhor, acompanhada dos seus pacientes.

Em uma das peças sobre Nise (*Anjo Duro*), há uma descrição perfeita sobre alguns aspectos de sua personalidade: "a psiquiatria humanitária, carregada de afeto, que se identifica com o sofrimento sem perder a lucidez, encontra sua síntese nessa mulher detentora dos opostos: fraca/forte, frágil/firme, tranquila/explosiva, criativa/repetitiva, compreensiva/intransigente. Nise é um anjo duro" (Valcazaras, 2002).

Sobre si própria, assim se descreve a protagonista deste artigo:

*"Estou cada vez menos doutora, cada vez mais Nise"* (Oliveira, 2009).

## REFERÊNCIAS

GULLAR, Ferreira. "Nise da Silveira: Uma psiquiatra rebelde". Rio de Janeiro: Editora Relume Dumara, 1996, pp. 35 e 41. É inspirada neste livro, a expressão *psiquiatra rebelde*, usada neste artigo.

LUCHESE, Marco. Cartas a Spinoza. In CHANG, Franklin et. Al. (org.). "*Quaternio. Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung. Homenagem Nise da Silveira*", nº 8, 2001, pp. 50-51.

MELLO, Walter. "Nise da Silveira". Rio de Janeiro: Imago, 2001, pp. 32, 35 e 38.

OLIVEIRA, Salete. "Artaud e Nise, a Lacuna de Viés", p. 263, localizado em <http://www.pucsp.br/index.php/verve/article/download/5082/3610>

<http://www.psicologiaexplica.com.br/nise-da-silveira-cada-vez-menos-doutora-cada-vez-mais-nise/a>

QUINET, Antonio. “Teoria e Clínica da Psicose”. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. *In*

RAMOS, Graciliano (1953). “Memórias do Cárcere”. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVEIRA, Nise da. “Cartas a Spinoza”. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1995, p. 25.

\_\_\_\_\_. “Imagens do Inconsciente”. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981, p. 28.

\_\_\_\_\_. “Perspectiva da Psicologia de C. G. Jung”. *Revista Tempo Brasileiro*, nºs 21 e 22, 1969, p. 12

VALCAZARAS, Luiz. “Anjo Duro”. Script da peça teatral.

**Informações sobre a autora:**

**Lídia Reis de Almeida Prado:** Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), Professora Doutora da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo Direito. É advogada e psicóloga, tendo exercido a prática clínica. Tem proferido palestras em congressos e escolas de magistratura por todo o Brasil. Além de muitos artigos, é autora do “O juiz e a emoção-Aspectos da Lógica da Decisão Judicial. São Paulo: LTr, 2014; “Justiça e Democracia; Aspectos psicológicos da prática jurídica”. São Paulo: Ed. Millenium, 2010; “Repensando o Direito”. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010 e “Direitos Humanos e Formação Jurídica”. São Paulo: Ed. Forense, 2010.

e-mail: [lidiar@terra.com.br](mailto:lidiar@terra.com.br)

Artigo para ser publicado na revista: *Passages de Paris* – Revista Científica da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França.

**About the author**

**Lidia Reis de Almeida Prado** is a senior professor at the University of Sao Paulo in the postgraduate program. She teaches Philosophy of Law and is a lawyer and clinical psychologist. For several years she has been lecturing at congresses and magistracy schools throughout Brazil. Her work establishes a dialogue between Law and Psychology. In addition to several articles, she is the author and co-author of *The Judge and Emotion (aspects of the logic of judicial decision)*; *Justice and Democracy; Psychological aspects in legal practice; Rethinking the Right; Human Rights and Legal Training*.

e-mail: [lidiar@terra.com.br](mailto:lidiar@terra.com.br)

Article to be published in the Magazine: *Passages de Paris*- Scientific Magazine of the Association of Brazilian Researchers and Students in France.